

**BIBLIOGRAFIA**

- (1) BOMFIM, E., BALLALAI, R. e SEQUEIRA, A. Projeto Colméia - Educação do Trabalho. Fundação Brasileira de Educação, Niterói, Rio de Janeiro, 1982. p. 4.
- (2) BOMFIM, E., BALLALAI, R. et alli. Biblioteca do Trabalho. Secretaria de Educação e Cultura do Amapá e Fundação Brasileira de Educação. Niterói, Rio de Janeiro, 1983.
- (3) BOMFIM, E., LALA, S. et alli. Comunidades Alternativas: uma reflexão em torno do tema. Anais do I Encontro Mineiro de Psicologia Social. Belo Horizonte, FAFICH, 1986: 114-128. (edição esgotada).
- (4) BOMFIM, E., FERREIRA, A. et alli. Formações Comunitárias em Belo Horizonte. Anais do I Encontro Mineiro de Psicologia Social. Belo Horizonte, FAFICH, 1986: 62-80. (edição esgotada).
- (5) BOMFIM, E., WATANABE, M. et alli. Momentos de grupos. Psicologia e Sociedade. 4, março 1988: 108-125.

**PESQUISA EM MOVIMENTOS SOCIAIS:  
REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA**

Almir Del Prette (\*)

A literatura de psicologia no país praticamente não tem registrado estudos sobre comportamento coletivo e movimentos sociais, observando-se, em consequência desse aparente alheamento (Del Prette, 1988), uma certa dificuldade de intercâmbio entre os pesquisadores. A inclusão recente desse tema, na pauta dos congressos, parece iniciar um interesse progressivo que pode reverter, a médio prazo, a ausência de comunicações nas revistas psicológicas.

No quadro geral da literatura de psicologia, conforme revisões de Milgran e Toch (1969) e Tajfel (1978), pode-se observar uma certa lacuna de estudos empíricos sobre movimentos sociais.

A despeito dessa situação, o fenômeno da ação coletiva vem se reproduzindo em todas as partes, mesmo nas sociedades consideradas mais fechadas, chamando a atenção dos estudiosos de diferentes áreas. No Brasil, o tema em questão vem sendo estudado com frequência redobrada, no âmbito da Antropologia e Sociologia, em geral sob a denominação de movimentos sociais urbanos. Tais disciplinas parecem ter produzido alguma tradição de estudos a nível empírico (estudo de caso, pesquisa participante, etc.) e mantêm em aberto uma produtiva discussão sobre a importância de algumas categorias analíticas (contradições sociais, urbano, Estado, etc.) na análise dos movimentos (Santos, 1981; Cardoso, 1983, 1987; Durham, 1984; Nunes, 1986; Kowarick, 1987; Scherer-Warren, 1987).

A constatação histórica de inserção do tema no campo da Psicologia e a reocorrência do fenômeno no país (1986) motivaram a elaboração dessa reflexão. Pretende-se, além de defender a necessidade de estudos empíricos e teóricos e a sua oportunidade no mo

(\*) Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba.

mento histórico atual, expor algumas considerações, para reflexão, derivadas de uma pesquisa realizada sobre o movimento de luta contra o desemprego em São Paulo.

### 1. A "descoberta" do objeto de pesquisa

O aprofundamento da recessão econômica, a partir de 1981, tendo como resultante o desemprego em massa, configurou-se em um quadro de pobreza para uma ampla parcela da população trabalhadora brasileira. Calculou-se, na época, que, somente na Grande São Paulo, existia um contingente de mais de um milhão de desempregados<sup>(1)</sup>, sendo que tal número representava cerca de 14 por cento da PEA (população economicamente ativa).

Tais trabalhadores, aparentemente diluídos na população geral, tornaram-se visíveis através da organização de ações coletivas. No início de 1983 essas ações se intensificaram, saindo dos portões e do interior das fábricas e dos bairros periféricos em direção à parte central da cidade, onde se localiza o locus do poder político. Em abril do mesmo ano, um ato-público realizado em Santo Amaro (Largo 13 de Maio), resultou em saques e depredações que trouxeram inquietação à toda sociedade. Além da ameaça explícita decorrente da ação coletiva (depredações, saques, confronto com a polícia), havia prenúncio de intervenção em São Paulo pelo governo federal e, conseqüentemente, a possibilidade de retrocesso nos avanços para a democracia.

O interesse do autor pelo tema ação coletiva provém de pesquisas anteriores com grupos de desempregados (Del Prette, 1982 1985a, b) que, embora com objetivos restritos de desenvolvimento de exercício de direitos, contribuíram para direcionar a preocupação com a ação dos desempregados e sua relação, enquanto grupo, com a sociedade e com o poder. A nível metodológico, no entanto, as características do trabalho não permitiram a extrapolação para uma análise de movimentos sociais mais amplos.

(1) Fonte: DIEESE/SEAD, 1984, 1985.

As reflexões posteriores em seminários<sup>(1)</sup> do curso de doutoramento da Universidade de São Paulo sugeriram a necessidade e a possibilidade de um referencial teórico para a análise da ação coletiva. Esse referencial, com base principalmente na teoria das minorias ativas (Moscovici, 1979, 1980) e na teoria da identidade social (Tajfel, 1978, 1981), não apresentava tradição de pesquisa de campo e por isso a questão metodológica permaneceu em aberto.

### 2. A estratégia de pesquisa

A lacuna de estudos empíricos sobre movimentos sociais, na área da Psicologia, traz dificuldades em termos de método, que acabam caracterizando-o como um conjunto de decisões que vão sendo avaliadas e reformuladas no encaminhamento do processo. O método, nesse caso, deixa de ser um guia a priori mas uma construção, com base em aproximações graduais, que somente a posteriori pode ser recuperado e sistematizado em termos da estratégia geral de pesquisa adotada.

No caso da pesquisa sobre o MLCD, uma decisão inicial foi que a participação do pesquisador no movimento era fundamental para a coleta de dados que se exigia. Tomar parte do movimento, de certa forma, evitava o risco de priorizar-se determinados aspectos em detrimento de outros. Por outro lado, pensou-se também que a participação facilitaria a emergência de um conjunto de relações de maior proximidade entre o pesquisador e os agentes integrantes do movimento, possibilitando um compromisso de troca entre ambos.

Uma análise da estratégia geral da pesquisa sobre o MLCD permite identificar três fases distintas da participação do pesquisador em termos das relações desenvolvidas entre este e os agentes, que tem implicações sobre a natureza dos dados que tais relações permitem obter. Essas fases são caracterizadas como seguem:

(1) "Comportamento social intergrupar e interindividual", conduzido pela doutora Maria Alice V. S. Leme.

A) Aproximação. Esse primeiro momento se constitui na identificação de pessoas ou entidades que facilitaram o contato do pesquisador com o movimento. Nessa fase as relações que se estabeleceram pareciam revestidas de alguma formalidade. Observou-se que a presença do pesquisador alterava, pelo menos de início, o comportamento das pessoas nos grupos. O produto de pesquisa obtido na aproximação pode ser resumido em: a) identificação das entidades que atuavam junto ao momento; b) conhecimento razoável do nível de participação de cada agente; c) obtenção da programação de atividades públicas.

B) Reconhecimento. Essa fase se caracterizou pela facilidade de trânsito do pesquisador com as entidades e o movimento. Em outras palavras, o pesquisador se tornou conhecido e familiar, o que resultou em frequentes convites para visitas a grupos. Na perspectiva da pesquisa desenvolveu-se registros de observações dos eventos públicos e entrevistas semi-estruturadas com integrantes não inseridos no quadro de frente do movimento.

C) Colaboração. Esse período definiu a participação do pesquisador no MLCD. As relações estabelecidas com os agentes e grupos se tornaram progressivamente mais amigáveis e a colaboração desenvolvida tinha uma base de reciprocidade. Além das tarefas próprias da participação como por exemplo, auxiliar na organização de encontros, na avaliação de reuniões, etc., o pesquisador foi solicitado a conduzir uma programação de desenvolvimento de habilidades, tidas pelas lideranças como básicas para algumas das tarefas e atividades inerentes aos grupos e à estruturação do movimento. Por outro lado, os agentes participaram de entrevistas estruturadas, gravadas, os grupos e entidades permitiram registros de dados de seus arquivos e livros e muitos doaram espontaneamente material documental do movimento ao pesquisador. A participação se desdobrou, ainda, em exposições feitas pelo pesquisador, aos grupos interessados, sobre a pesquisa desenvolvida.

### 3. Apontamentos para a reflexão

Dado que o quadro da produção teórica da Psicologia so

bre movimentos sociais é extremamente fragmentado e que não derivou nenhuma tradição para o estudo empírico, o desenvolvimento de estratégias de pesquisa parece constituir-se em importante área de conhecimento que poderia ser enormemente favorecida com o relato descritivo das condições criadas pelo pesquisador para a coleta de dados.

De acordo com a natureza dos dados pretendidos é possível que essas condições envolvam níveis diferentes de participação e de envolvimento do pesquisador com o movimento.

A pesquisa de dados sobre traços culturais dos grupos e do movimento como um todo e de sua diferenciação interna quanto a esses traços, sobre os tipos de intercâmbio social entre os agentes e subgrupos, as bases psicológicas da formação grupal, a identidade social etc., constituem um tipo de dado de interesse no domínio explicativo da Psicologia, cuja coleta parece requerer uma participação mais efetiva do pesquisador no movimento.

Na medida em que essa participação se define por um envolvimento cada vez maior do pesquisador com o movimento, ela deve também possuir algumas características que a definem enquanto pesquisa.

A participação do pesquisador em um movimento deve ser mediada pelo objetivo da própria pesquisa, para que seja possível a obtenção de um equilíbrio entre a sua perspectiva, enquanto pesquisador, e a perspectiva do movimento. Nesse sentido, embora a participação do pesquisador possa ter motivação e compromisso político, ela deve ser justificada a nível da produção de conhecimento. Trata-se, no plano da técnica de observação participante, de impedir que se transforme no que Durham (1984) denominou de participação observante. E, no plano da reflexão teórica, evitar que a participação resulte na mera reprodução do discurso dos agentes ou na transcrição da expectativa do pesquisador sobre o papel de seu objeto de pesquisa na transformação social, mas na utilização de

categorias analíticas derivadas das teorias psicológicas existem, ou na constatação de sua insuficiência explicativa.

#### BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, R. C. L. Movimentos Sociais Urbanos: Balanço Crítico. Em: M. H. Tavares de Almeida (org.). Sociedade e Política no Brasil Pós 64. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. Movimentos Sociais na América Latina. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 1987, 3(1), 27-37.
- DEL PRETTE, A. Treinamento Comportamental junto a População não Clínica de Baixa Renda: Uma análise Descritiva de Procedimentos. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (mimeo), 1982.
- \_\_\_\_\_. Treinamento Comportamental em Grupo: Uma análise Descritiva de Procedimentos. Psicologia. 1985a, 11, 2, 39-52.
- \_\_\_\_\_. Treinamento Comportamental uma Alternativa de Atendimento à população não Clínica. Revista de Psicologia. 1985b, 3, 1, 67-81.
- \_\_\_\_\_. Movimentos Sociais em uma Perspectiva Psicológica-Social: O Movimento de Luta Contra o Desemprego. Projeto de qualificação submetido ao Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo. mimeo, 1986.
- \_\_\_\_\_. Movimentos Sociais como Tema de Diferentes Áreas de Estudo: A Contribuição da Psicologia. Mimeo, 1988.
- DURHAM, E. R. Movimentos sociais: A Construção da Cidadania. NOVOS ESTUDOS - CEBRAP. 1984, 10, 24-30.
- KOWARICK, L. Movimentos Urbanos no Brasil Contemporâneo: Uma Análise da Literatura. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 1987, 3(1), 38-50.
- MILGRAN, S. e TOCH, H. Collective Behavior: Crowds and Social Movements. Em: G. Lindzey e E. Aronson (eds). Handbook of Social Psychology. Cambridge: Addison-Wesley Publishing, 1969 (vol. 4).

MOSCOVICI, S. Psychologie des Minorités Actives. Paris: Press Universitaire de France, 1979.

- \_\_\_\_\_. Toward a Theory of Conversion Behavior. Em: L. Berkowitz (ed). Advances in Experimental Social Psychology. New York: Academic Press, 1980 (vol. 3).
- NUNES, E. Movimentos Urbanos e Reivindicações Populares - notas. Ciências Sociais, Hoje. 1986, 37-52.
- SCHERER-WARREN, I. O Caráter dos Novos Movimentos Sociais. Em: I. Scherer-Warren e P. J. Krischke (orgs.) Uma Revolução no Cotidiano? - Os Novos Movimentos Sociais na América Latina. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- TAJFEL, H. Differentiation Between Social Groups. London: Academic Press Inc., 1978.
- \_\_\_\_\_. Human Groups and Social Categories. New York: Cambridge University Press, 1981.